

Encontro de lideranças religiosas sobre mudanças climáticas

Relatório final

11/09/2009





Índice

Resumo executivo	3
Apresentação	6
Histórico	6
Planejamento	7
Cronograma inicial	7
Financiamento.....	7
Mobilização.....	8
Registro	8
Perfil dos participantes	9
Objetivos do encontro.....	10
Programação.....	11
Relatório das atividades	12
As lideranças religiosas e a educação para mudanças climáticas	12
Construindo uma proposta pedagógica	24
Avaliação.....	30
Conclusões	34
Anexo 1 – Lista dos participantes.....	35
Anexo 2 – Artigo Rubens Born.....	36
Anexo 3 – Artigo site do Iser	41
Anexo 4 - Contribuições do Padre Josafá.....	43



Resumo executivo

Apresentação

O “Encontro de lideranças religiosas sobre mudanças climáticas” ocorreu em 11 de setembro de 2009, das 10h às 16h30 no Salão Pablo Dreyfus e Ana Carolina Rodrigues do Instituto de Estudos da Religião (ISER). Organizado e realizado pelo ISER, contou com as parcerias do Global Leadership Network (GLN), na sua concepção e planejamento estratégico, e do World Council of Religious Leaders (WCRL), como apoio internacional.

Perfil dos participantes

Cerca de 44% dos participantes representavam tradições religiosas e 31% ONGs, o ISER aí incluído. Estiveram representados também redes religiosas (15%) e poder público (4%), entre outros.

Com predominância de representantes de grupos evangélicos (29%) e de católicos (16%), 18% dos participantes declararam não pertencer a nenhum grupo religioso.

O encontro de caráter internacional, contou com a presença de Bawa Jain, secretário geral do Conselho Mundial de Lideranças Religiosas, que veio especialmente de Nova York. A grande maioria (82%) dos participantes era do Rio de Janeiro, embora tenha havido representatividade nacional com convidados de Brasília, São Paulo, Santa Catarina, Paraná e do Maranhão.

Principais pontos abordados no encontro

1. Do ponto de vista institucional, Pedro Strozenberg, Diretor Executivo do ISER ressaltou a importância do evento que congregou os dois eixos temáticos do ISER: meio ambiente e religião. Isso condiz com o empenho da diretoria da Instituição no sentido de tornar os projetos do ISER cada vez mais multissetoriais e interdisciplinares.
2. O encontro simbolizou novos momentos para reflexão e transformação do mundo, de um lado reunindo lideranças religiosas interessadas em discutir os rumos do Planeta e pretendendo marcar um novo e promissor 11 de setembro.
3. Ressaltou-se a importância das mudanças climáticas como um possível caminho para a transformação da sociedade e o surgimento de novas lideranças.
4. O Encontro evidenciou a possibilidade de colaboração de instituições para ações conjuntas voltadas para os desafios climáticos.



5. Uma tônica recorrente foi o papel que o consumo desempenha na vida contemporânea e a visão distorcida de muitos atores na sociedade de que ainda temos o direito de emitir e poluir como fizeram os países desenvolvidos.
6. Enfatizou-se que a temática das mudanças climáticas pode ser vista sob dois prismas: o da destruição ou o da transformação social. Cabe a cada um de nós escolhermos o caminho a seguir.
7. Observou-se a afinidade entre ambientalistas e religiosos naquilo que tange a vontade promover transformações sociais em prol da melhoria da qualidade de vida de todos os seres na Terra.
8. As mudanças climáticas podem ser vistas por diversos prismas: científico, político-econômico, jurídico, ético e religioso. Cada um desses apresenta diferentes questões, problemas e soluções.
9. Ao tratar das mudanças climáticas uma visão holística é imprescindível. As mudanças climáticas não são somente da esfera ambiental, é da comportamental, cultural, econômica, social, biológica, etc.
10. Chegamos a um ponto tal da crise climática que hoje praticamente qualquer ação voltada para diminuir as causas e os efeitos das mudanças climáticas é válida, desde que possua uma abordagem holística.
11. Já existem muitas campanhas no ar para sensibilizar a população sobre o tema, como a Campanha Tictactac, presente em diversos países visando pressionar os tomadores de decisão que participarão da Cúpula de Copenhague em dezembro de 2009.
12. As lideranças religiosas possuem autoridade moral e portanto estão em posição privilegiada para inserir a questão climática nas pautas das suas pastorais.
13. O Encontro e os seus desdobramentos devem promover um espaço para a troca de saberes e para a ressacralização da relação ser humano-natureza, valorizando os diferentes tipos de conhecimento da sociedade.
14. O grande desafio ao se mobilizar a população para o tema do clima é transmitir o senso de urgência. Daí a importância da sensibilização e da informação qualificada e pertinente às diferentes realidades sociais.
15. Diferentes tradições religiosas já promovem ações voltadas à educação ambiental e à intervenção. Houve grande interesse por parte das instituições presentes em se inteirar dessas práticas. Sugeriu-se a criação de uma compilação dessas boas práticas.

16. Um curso sobre mudanças climáticas voltado a agentes religiosos é considerado de suma importância. Entretanto, o material didático não deve ter cunho religioso, mas deve abordar os valores éticos presentes nas tradições religiosas. Seria uma



boa oportunidade para unir os diversos conhecimentos visando a colaboração para ações efetivas de redução das emissões, adaptação aos efeitos das mudanças climáticas e educação.

17. Em relação às especificidades de formato do curso proposto, uma das suas versões deverá ser voltada a pessoas espiritualizadas e não necessariamente às lideranças religiosas. Poderia ocorrer em módulos curtos com atividades de imersão.

Conclusões

O Encontro foi realizado conforme planejado, tendo atendido aos objetivos propostos. Uma grande diversidade de lideranças religiosas esteve presente, sendo que grande parte delas demonstrou já estar engajada em ações no campo das mudanças climáticas. Aquelas que não possuem ações concretas estão refletindo sobre o assunto de modo que o espaço foi importante como fomentador de diálogos e de interação entre os participantes.

Como resultado do Encontro, evidenciou-se o interesse em aprofundar o debate através da criação de uma rede na qual os convidados do Encontro e outros interessados possam participar ativamente.

Para o ISER, internamente, o evento proporcionou a reunião de dois eixos temáticos – meio ambiente e religião – integrando ainda a área de comunicação como peça fundamental para a disseminação do tema, cobertura e divulgação dos resultados do evento.

O ISER, atendendo aos anseios surgidos nesse primeiro Encontro, visa usar seus resultados como base para futuras ações da Instituição, tais como: 1) a promoção de diálogos entre lideranças religiosas sobre mudanças climáticas; 2) uma capacitação para agentes religiosos sobre o tema, valorizando a troca de diversos tipos de conhecimento (científico, político, ético, religioso, etc.); 3) o engajamento de agentes religiosos em ações concretas nas suas pastorais, conforme seus interesses; e 4) uma publicação que reúna contribuições de lideranças religiosas sobre o tema mudanças climáticas.

Espera-se que esse encontro permita que toda a sociedade civil possa se conscientizar mais da temática que decorre dos desafios climáticos e que o ISER continue sendo um fórum para diálogos multissetoriais, participativos e propositivos como este.



Apresentação

O “Encontro de lideranças religiosas sobre mudanças climáticas” ocorreu no dia 11 de setembro de 2009, das 10 às 16.30h no Salão Pablo Dreyfus e Ana Carolina Rodrigues, no Instituto de Estudos da Religião (ISER). Foi organizado e realizado pelo ISER em parcerias com o Global Leadership Network (GLN), na sua concepção e planejamento estratégico, e o World Council of Religious Leaders (WCRL), como apoio internacional. Segue abaixo uma breve descrição dessas instituições.

O ISER é uma instituição não governamental sem fins lucrativos que há 39 anos desenvolve pesquisa e projetos de intervenção em temáticas sociais de vanguarda. Atualmente, dispõe-se a resgatar a interface da religião com os temas correntes da atualidade e reafirmar seu papel institucional voltado ao ensino e de catalisador de projetos multidisciplinares.

O GLN é uma rede global de lideranças que atua na formação de lideranças para a ação. O GLN propõe-se a instigar novas lideranças com potencial de desenvolver parcerias na diversidade com responsabilidade, promovendo a sustentabilidade e um mundo pacífico.

O WCRL é um órgão internacional independente cuja missão é reunir recursos religiosos para promover ações de paz sustentadas pelas Nações Unidas. Sua constituição em 2002 cumpriu um dos objetivos da Cúpula do Milênio de 2000 (World Summit), o de congregar na diversidade de religiões um ponto de encontro para a promoção de um mundo melhor.

Histórico

Antes de decidir o formato do encontro tal como ele se realizou, houve um interesse de parceria entre o GLN e o WCRL, representados respectivamente pela sua diretora Thais Corral e pelo seu secretário geral Bawa Jain, com vistas à sinergia para a formulação de um programa de capacitação de lideranças religiosas para ação.

Em sequência, o ISER, no intuito de resgatar sua vocação de centro de capacitação nos moldes do curso pioneiro “Teoria e Práxis do Meio Ambiente”, propôs a organização de um curso sobre mudanças climáticas para agentes religiosos na pessoa da pesquisadora Maria Rita Villela no Programa Liderança para Segurança Climática (LSC). Foi quando se percebeu a potencialidade da parceria das três instituições (ISER, GLN e WCRL) no sentido de organizar uma capacitação voltada às lideranças religiosas sobre mudanças climáticas.

Entretanto, para a formulação de uma capacitação dessa natureza logo mostrou ser necessária a participação e contribuição de outros atores, principalmente de possíveis interessados no campo religioso. Assim, o projeto original de curso foi



substituído pela realização de um Encontro-consulta de lideranças religiosas sobre mudanças climáticas, que servirá de base para futuros desdobramentos de projetos articulados entre o ISER, o GLN, o WCRL e outras instituições interessadas identificadas no decorrer desse processo.

Planejamento

Cronograma inicial

Os cronogramas abaixo se referem às etapas percorridas até a realização do Encontro e ao planejamento para os seus desdobramentos. Note-se que a execução da segunda etapa desse planejamento dependerá da viabilidade financeira e acordo entre seus parceiros, podendo sofrer alterações balizadas na avaliação do Encontro.

De sua concepção, em setembro de 2008, à sua realização, o Projeto levou um ano, para alcançar sua viabilidade e amadurecimento da idéia original. Espera-se até dezembro de 2009 uma sistematização dos projetos que possivelmente surgirão desse Encontro.

Planejamento até o encontro

Atividades/semanas	Junho				Julho				Agosto				Set	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Definição do conteúdo do evento														
Definição dos participantes														
Levantamento de recursos de apoio														
Convites														
Corpo-a-corpo														
Preparação														
Evento														

Planejamento para os desdobramentos do encontro

Atividades/semanas	Set		Outubro				Novembro				Dezembro			
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Avaliação do evento														
Transcrição das falas														
Consolidação do resultado em um relatório														
Seleção de fotos para divulgação														
Edição de vídeo														
Planejamento para capacitação														
Proposta para o curso de capacitação														

Financiamento

O ISER patrocinou todas as despesas de produção do evento e alimentação. Agradecemos a disponibilidade e o interesse de todos os convidados presentes, que



absorveram os custos de deslocamento - alguns procedentes de outros estados brasileiros e do exterior.

Mobilização

Os convites foram enviados por email para 117 lideranças religiosas e membros de ONGs, universidades, governo e mídia, entre 3 de agosto e 10 de setembro e ratificados por telefone. As confirmações foram feitas por email e por telefone.

Cerca de metade dos convidados impedidos de participar, quer por conflito de agenda, quer por falta de apoio financeiro para deslocamento até o Rio de Janeiro, demonstraram interesse em receber o presente Relatório, demonstrando assim o envolvimento da sociedade com o tema.

Em relação à mobilização dos convidados, estiveram ausentes as lideranças judaicas, atribuindo-se o fato aos festejos do Ano Novo Judaico na semana seguinte. Já o representante do islamismo compareceu apenas na parte da manhã por razões de a sexta-feira ser um dia sagrado na sua religião.

Registro

Hebert Lima e a Paola Oliveira, ambos colaboradores do ISER, fizeram o relato do encontro. O registro em vídeo ficou a cargo do cinegrafista Gabriel Sayad, cujo filme editado e disponibilizado no *Youtube* será fornecido como material complementar a este Relatório.

A cobertura jornalística e fotográfica foi feita pela equipe de comunicação do ISER: Marco Aurélio Matias, Marília Assad, Vanessa Campanário e Fernando Velasco.



Equipe de apoio do Iser: Christina Vital, Paola Oliveira, Marília Assad e Hebert Lima



Perfil dos participantes

O encontro priorizou a presença de lideranças de diversas tradições religiosas do Brasil. Entretanto, por tratar-se de um tema que mobiliza e interessa vários outros setores da sociedade, foram convocados atores da sociedade civil, do governo e do meio acadêmico. Abaixo consta o perfil dos participantes do evento por tipo de instituição.

Cerca de 44% dos participantes representam uma instituição religiosa e 31% são de ONGs, inclusive do ISER. Estiveram presentes também representantes de redes religiosas (15%) e do poder público (4%).

Participantes por tipo de instituição	Freq.	%
Religiosa	20	44%
ONG	14	31%
Rede interdenominacional**	3	7%
Rede inter-religiosa*	2	4%
Rede ecumênica***	2	4%
Governo Federal	1	2%
Governo Estadual	1	2%
Outros	2	4%
Total	45	100

* reúne tradições religiosas

** reúne denominações evangélicas

*** reúne tradições cristãs

A diversidade dos grupos religiosos que participaram do encontro está expressa no quadro abaixo. Predominaram representantes de grupos evangélicos (29%) e de católicos (16%). Outros 18% dos participantes declararam não pertencer a nenhum grupo religioso. Nota-se que este quadro foi elaborado no sentido de se apreender a diversidade de religiões presentes e não revela as várias vertentes dentro de cada uma dessas tradições.



Grupos religiosos	Freq.	%
Evangélico	13	29%
Sem religião	8	18%
Católico	7	16%
Budista	3	7%
Espírita	2	4%
Indígena	2	4%
Judaico	2	4%
Ramakrishna	2	4%
Baha'i	1	2%
Candomblé	1	2%
Jainismo	1	2%
Messiânico	1	2%
Mulçumana	1	2%
Umbanda	1	2%
Total	45	100%

O encontro teve caráter internacional, tendo contado com a presença do Bawa Jain, que veio especialmente para o encontro de Nova York. A grande maioria (82%) dos participantes era do Rio de Janeiro, mas houve representatividade nacional com convidados de Brasília, São Paulo, Santa Catarina, Paraná e do Maranhão.

UF	Freq.	%
RJ	37	82%
DF	2	4%
SP	2	4%
MA	1	2%
NY	1	2%
PR	1	2%
SC	1	2%
Tot	45	100

O número de participantes do sexo masculino foi maior que do sexo feminino, como mostra o quadro abaixo.

Participantes por gênero	Freq.	%
Masculino	26	58%
Feminino	19	42%
Total	45	100

Objetivos do encontro

O Encontro-consulta teve dois objetivos gerais:

- 1) Promover troca e interação das diferentes lideranças e tradições convidadas sobre o tema mudanças climáticas;



- 2) Envolver os convidados na construção de uma proposta pedagógica sobre mudanças climáticas voltada para o público religioso.

Programação

A programação do evento foi alinhada com os objetivos do encontro. A parte da manhã consistiu em exposições das três organizações responsáveis pelo evento (ISER, GLN e WCRL) e de dois palestrantes, Claudison Rodrigues, diretor de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, e Rubens Born, coordenador do Instituto Vitae Civilis sobre a importância do envolvimento das lideranças religiosas na educação para mudanças climáticas. Seguiu-se uma roda de diálogo onde os presentes foram convidados a expor suas visões e experiências em relação ao tema.

Na parte da tarde, depois do almoço oferecido pelo Buffet Pimenta Rosa, houve uma breve apresentação do “Programa Liderança para a Segurança Climática”, que serviu de base para a posterior discussão em grupos sobre uma proposta pedagógica sobre mudanças climáticas voltada ao público religioso.

Programação

10:00 – Abertura, objetivos e apresentação do Encontro

10:20-11:50 - As lideranças religiosas e a educação para mudanças climáticas

- Pedro Strozenberg** – Diretor Executivo do Instituto de Estudos da Religião – ISER
Thais Corral – Coordenadora da Rede de Desenvolvimento Humano – REDEH e Diretora da Rede Global de Liderança (Global Leadership Network)
Bawa Jain – Secretário Geral do Conselho Mundial de Lideranças Religiosas (World Council of Religious Leaders)
Claudison Rodrigues – Diretor de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente (DEA/SAIC/MMA)
Rubens Born – Coordenador Executivo do Vitae Civilis - Instituto para o Desenvolvimento, Meio Ambiente e Paz

11:50-12:30 – Debate

12.30-13.30 – Almoço

13.30 - 15.45 – Construindo uma proposta pedagógica para a formação de lideranças no campo das mudanças climáticas

15:45-16:00 - Encerramento/avaliação

16:00-16:30 - Lanche de confraternização



Relatório das atividades

As seções abaixo contêm um relato sobre as apresentações, discussões e recomendações para o futuro surgidas ao longo do dia. O relato está dividido entre as atividades matinais e as da tarde.

As lideranças religiosas e a educação para mudanças climáticas

Por volta das 10:30 da manhã, Maria Rita abriu os trabalhos fazendo uma breve apresentação dos motivos do Encontro, seus principais objetivos e a pauta do dia.



Maria Rita Villela, pesquisadora do ISER

Procedeu-se à exibição de um vídeo sobre o encontro da “Cúpula do Milênio”, liderado por Bawa Jain, Secretário Geral WCRL. O encontro congregou diversas lideranças religiosas uma semana antes de uma reunião dos chefes de Estado na ONU. Durante a projeção do filme, ficou ser a patente o interesse de todas as pessoas presentes.

A narrativa desempenhou papel importante na captação da atenção, intercalando diversas falas de líderes das mais diferentes religiões sobre questões gerais em torno da relação entre religião e ambiente/lugar/clima, com imagens de manifestações artístico-culturais características de cada tradição.

Evento promove a congregação de dois eixos temáticos do ISER: meio ambiente e religião

Após a projeção, Pedro Strozenberg, Secretário Executivo do ISER, teve a palavra. Comentou a importância do Evento que congregou dois eixos temáticos e linhas de pesquisa e atuação fundamentais para a instituição: a religião e o meio ambiente. Acrescentou outra grande virtude desse Encontro: construir um espaço para o debate da questão das mudanças climáticas, assunto candente na sociedade atual.



Em seguida, agradeceu aos parceiros e a dedicação aos trabalhos realizados na Casa e também acolheu as novas parcerias. E para promover maior aproximação entre os presentes, sugeriu que cada um se identificasse e que fizesse breve apresentação dos trabalhos e da instituição que representava.



Pedro Strozenberg, diretor executivo do ISER

Procedeu-se a uma rodada de apresentações dos participantes do encontro, cuja lista segue apenas.

Momentos para reflexão e transformação do mundo: ECO-92 e um novo 11 de setembro

Depois das apresentações, Thais Corral, coordenadora da Rede de Desenvolvimento Humano e diretora da GLN, interveio. Lembrou a importância da data escolhida para esse Encontro, oito anos antes, com a destruição das torres gêmeas norte-americanas. O fato histórico teria a importância de um momento-chave capaz de evocar a reflexão para a transformação do mundo.

Em seguida, Thais comentou os anos de parceria estabelecida com o ISER, desde o processo que deu origem à ECO-92 (Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento). Frisou o fato de tal momento ter sido a convergência de tantos esforços que propiciou uma comunhão entre pessoas que se lembram até hoje do evento. A experiência do ECO-92 mostra, portanto, que a união de esforços e interesses deixa marcas profundas que não são facilmente esquecidas.

Para Thais, a ECO-92 foi um acontecimento importante também sob o ponto de vista do desenvolvimento de mecanismos de união e trabalho em equipe, que geraram frutos por toda a década de 1990. Toda a conjuntura propiciou ainda o despertar para a necessidade de ação imediata e urgente, entendimento que atingiu o paroxismo nos acontecimentos do 11 de setembro.

Mudanças climáticas: urgência, transformação e uma nova liderança

Nesse sentido, o tema das mudanças climáticas é emblemático dessa urgência da ação para a transformação, e também opera como um catalisador de uma série de



crises e problemas que urgem ser trabalhados. Ao lidar com essa questão, Thais comentou o seu despertar sobre sua postura individual, sobretudo em relação à posição de liderança, e também sobre de como suas ações individuais repetiam padrões de comportamento mais gerais.

Era preciso pensar em como lidar com a questão mais global das mudanças climáticas e a transformação dos comportamentos individuais. Desde a década de 1990, então, Thais trabalha com o desenvolvimento de lideranças voltadas para a temática das mudanças climáticas. Mas sua perspectiva tem tentado abranger uma transformação também no modo de entender a própria liderança, que deixa de ser fundamentada em um “individualismo heróico” para ser mais catalisadora dos recursos coletivos.

Esse novo entendimento sobre o papel da liderança é imprescindível para lidar com temáticas fundamentalmente coletivas, como é o caso das mudanças climáticas, que não podem ser trabalhadas somente no plano da ação individual.



Thais Corral, diretora do GLN

Encontro evidencia a colaboração de instituições para ações voltadas às mudanças climáticas

Esse Encontro teve o intuito de promover uma aproximação entre tais iniciativas voltadas para o desenvolvimento de lideranças no campo das mudanças climáticas e também o ISER, que historicamente constitui-se em espaço de diálogo e de mobilização junto às lideranças religiosas. Tal convergência propiciará o debate e a concentração de ações direcionadas à questão das mudanças climáticas, fenômeno capaz de unir diferentes forças e atores devido à sua permeabilidade na sociedade e urgência.

Os trabalhos que estão sendo desenvolvidos por Thais se voltam para o máximo aproveitamento desse caráter mais compartilhado e colaborativo da questão das mudanças climáticas. O problema tem sido encarado como oportunidade para transformar modelos de ação e de pensamento, para fazer dialogar de modo mais próximo questões individuais e globais.



O desenvolvimento de lideranças realizado por Thais, sobretudo na Associação Brasileira de Desenvolvimento de Lideranças (ABDL/Lead Brasil) tem o intuito de promover a transição para um modelo de sustentabilidade.

Um minuto de silêncio e a relevância desse encontro

Na seqüência, tivemos a intervenção de Bawa Jain, com o auxílio da tradutora. Inicialmente, comentou o vídeo exibido sobre o encontro da “Cúpula do Milênio”. Bawa Jain destacou a iniciativa inovadora documentada no vídeo, de reunir diversos líderes religiosos em torno de um compromisso para a paz mundial.

Ressalte-se que um ano após essa Cúpula, ocorreram os atentados de 11 de setembro. Em memória ao aniversário desse acontecimento, foi feito um minuto de silêncio proposto por Bawa Jain.

Retomando a palavra, o palestrante comentou que o encontro promovido pela ONU foi uma iniciativa importante pelo reconhecimento do papel fundamental das lideranças religiosas para lidar com os desafios da paz e segurança mundiais, aproveitando, sobretudo o imenso potencial da “diplomacia religiosa”. Esse papel é considerado por Bawa Jain o próprio cerne da prática de instituições e líderes religiosos, uma vez que estes encontram-se cotidianamente envolvidos na resolução diplomática de querelas familiares, comunitárias e controvérsias públicas mais amplas.



Bawa Jain, secretário geral do WCRL

A importância dessa iniciativa para a aproximação das lideranças religiosas das temáticas socioambientais

Bawa Jain aludiu então ao despreparo formal dessas lideranças para lidar diplomaticamente com questões relacionadas a problemas sociais, e principalmente com questões relativas ao meio ambiente. Sua experiência pessoal com muitas lideranças religiosas indica uma grande discrepância entre o preparo das lideranças e sua relevância no mundo, pois, enquanto 90% dos líderes religiosos não possuem qualquer formação na temática ambiental, 90% da população mundial seguem alguma religião.



Do seu ponto de vista, iniciativas como esse Encontro promovido pelo ISER são fundamentais, justamente porque aproximam o tema do meio ambiente ao universo dos líderes religiosos, com capacidade multiplicadora. A intenção é estabelecer um diálogo profícuo, baseado nas próprias experiências cotidianas desses líderes religiosos em suas comunidades de origem, de modo a que o programa mais amplo ao qual está vinculado possa ser repensado, reformulado, levando em consideração as experiências locais.

Que se lixe a poluição, pois nós queremos nos desenvolver?

O terceiro palestrante do dia, Claudison Rodrigues, Diretor de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente (DEA/MMA), iniciou sua fala com um comentário bastante crítico sobre o modo com que a crise mundial vem sendo tratada, sobretudo na mídia, majoritariamente da perspectiva dos impactos negativos sobre a produção e o consumo.

Faz-se crer que a resolução do problema econômico está no convencimento das pessoas de que elas precisam consumir, por meio de artifícios psicológicos, mas também recorrendo ao discurso de que este comportamento consumista ajuda o país, algo como um “dever cívico”.

Claudison reconhece a complexidade da temática, que não pode ser reduzida ao estímulo ou controle do consumo, ou nenhuma outra “fórmula”, mas percebe que outras questões fundamentais, principalmente ambientais, como a transição da matriz energética, são postas à parte diante da urgência do desenvolvimento econômico.

Ainda que se institua um ponto pacífico entre intelectuais e formadores de opinião a respeito da importância e urgência do enfrentamento dos impactos das mudanças climáticas – consequência do modelo de desenvolvimento atual – muitas personalidades do mundo econômico e empresarial continuam defendendo este modelo de desenvolvimento predador.

Tal fato observa-se ainda em instâncias políticas de compromisso em prol da defesa do meio ambiente, nas quais diversos líderes políticos, inclusive brasileiros, rechaçam abertamente as pressões internacionais pela redução de poluentes, argumentando que os países em desenvolvimento vivem um momento no qual finalmente conseguiram entrar num ritmo de forte produção, e que não podem agora desacelerar esse processo. A frase de efeito que ilustra tal argumento seria então: “que se lixe a poluição, pois nós queremos nos desenvolver”.

Importância da apropriação do tema pela sociedade

Além dessa visão do cuidado em relação ao meio ambiente como inimigo do desenvolvimento, outro problema detectado em relação ao enfrentamento e reversão das mudanças climáticas diz respeito ao desinteresse generalizado pelo tema, tanto por parte dos governos, das lideranças, quanto das pessoas comuns.



Nesse sentido, é crucial que todos tenham a percepção de que a questão das mudanças climáticas é urgente e um fato que traz consequências planetárias, agravando e potencializando diretamente todos os outros problemas ambientais.

Claudison lembrou ainda que diversas pesquisas mostram que os impactos decorrentes das mudanças climáticas trarão e já trazem diversas consequências negativas para as populações que vivem em áreas mais vulneráveis. O problema é, portanto, holístico, envolvendo ambiente e pessoas, não se tratando, portanto, de uma defesa unilateral do planeta e de suas reservas.

No nível do engajamento social, Claudison parafraseou Bawa Jain quando afirmou que assim como as religiões não têm fronteiras, tampouco as mudanças climáticas e as questões ambientais as têm.

É preciso ter em mente que o empenho é de todos os países, de todos os governos, de todos os atores sociais, inclusive, das lideranças religiosas.

Curso de educação ambiental voltado para as mudanças climáticas no DEA/MMA

Um passo na direção da elaboração de um trabalho conjunto agregando múltiplos atores diz respeito à implantação na DEA/MMA, de um curso de educação ambiental, no contexto das mudanças climáticas. Sua proposta multidisciplinar reúne diversos atores sociais relevantes, tais como líderes de grupos religiosos, indígenas, psicanalíticos, entre outros, a fim de debater as mudanças comportamentais exigidas para lidar com a questão das mudanças climáticas. Por meio desse trabalho conjunto pretende-se começar a construir as diretrizes para a educação ambiental multidisciplinar nesse contexto de mudanças climáticas.



Claudison Rodrigues, DEA/MMA

Mudanças climáticas: destruição ou transformação social?

Finalmente, Claudison destaca que o problema das mudanças climáticas possui uma dupla entrada: por um lado, alastra-se com força e potencial avassalador pelo planeta, podendo provocar a extinção da humanidade; por outro, é capaz de



engendrar uma mobilização para a verdadeira transformação social e construção de uma sociedade sustentável.

Neste sentido, um olhar bastante consciente, porém otimista, permitiria ver a crise ambiental atual como uma janela de oportunidades para uma transformação positiva.

Encontro como oportunidade para o diálogo inter-religioso sobre mudanças climáticas

Em seguida, Rubens Born, do Vitae Civilis, Instituto para o Desenvolvimento do Meio Ambiente e Paz, tomou a palavra. Em primeiro lugar, Rubens destaca que apesar dos vinte anos de trajetória da instituição, o diálogo com o campo inter-religioso tem se consolidado nos últimos dois anos, sobretudo através de parcerias com grupos ligados ao ecumenismo cristão e também como outras tradições religiosas, na região da grande São Paulo.

Dado seu interesse em ampliar essa associação para o debate, esse encontro com lideranças religiosas discutindo mudanças climáticas foi visto por Rubens como uma oportunidade muito positiva.

A proximidade entre ambientalistas e religiosos

Em sua fala, confrontou-se o argumento recorrente entre muitas correntes ambientalistas de que as religiões seriam responsáveis por distúrbios e mazelas sociais e ambientais em todo o mundo. Para Rubens, este argumento é equivocado, uma vez que ambientalistas e líderes religiosos compartilham muitos interesses.

Tanto ambientalistas quanto líderes religiosos estão mais próximos que distantes uma vez que ambos se indignam com o estado atual da sociedade e aspiram à sua transformação. Tal elo solidifica-se em torno de uma esperança renovada de atuar na transformação do mundo.

Nesse sentido, Rubens mencionou a atuação do rabino americano Abraham Heschel pela consolidação de uma cooperação inter-religiosa, e seu potencial de promover o renascimento da sociabilidade e da consciência humana. Para Rubens, este ponto também une líderes religiosos e ambientalistas.

Apresentação de diversas abordagens em relação às mudanças climáticas

Em seguida, deteve-se mais especificamente sobre as questões relativas às mudanças do clima. Do seu ponto de vista, existem muitas abordagens possíveis, há informações técnicas, científicas, há ainda o ponto de vista governamental, o da política-econômica, mas certamente na mídia o enfoque tende a ser a perspectiva da ciência.



É possível perceber que dependendo da entrada há interpretações e respostas diferentes entre os interlocutores. A predominância do enfoque cientificista impede que se perceba que decisões políticas não podem ser tomadas somente considerando tais argumentos de ordem tecnicista e científica, uma vez que tais decisões são comprometidas com relações de poder e econômicas mais amplas.

Dentre as abordagens possíveis, há também a laica, de ética e justiça, que defende práticas semelhantes às suas, mas o faz sem vinculá-la aos valores das diversas tradições religiosas. E há ainda o enfoque das tradições religiosas, que não vai tratar da natureza da emissão dos gases de efeito estufa, mas sim da responsabilidade do ser humano e da sociedade humana com a questão ambiental.

Necessidade de uma visão sistêmica e abrangente para lidar com tamanho desafio

Utilizando um material previamente preparado e apresentado em slides, Rubens propôs uma abordagem que conjuga os argumentos econômicos ao de ética e justiça, com ênfase nas questões do consumismo; dos valores contemporâneos relacionados à indiferença; da insuficiência dos mecanismos de responsabilização.

Um eixo fundamental diz respeito aos limites que vão guiar a ação para um futuro próximo, pensando em dados concretos, como média do aquecimento global prevista para os próximos noventa anos, até o final do século; observando informações a respeito do aumento da mortalidade humana em decorrência dessas mudanças climáticas.

Esses dados são relativizados na medida em que Rubens lembrou que os cientistas não trabalham com previsão do futuro, mas com projeções de informações colhidas a partir do presente. Neste sentido, projeta-se que se seguirmos o ritmo de degradação atual, teremos 60% de chances de degradar a vida no planeta, algo semelhante a embarcar em um avião que tem 60% de chances de cair.

Transformação dos habitantes, dos habitats e das habitações

Pensando num programa de educação ambiental, a transformação deve se alicerçar na tríade: habitantes, habitats e habitações (edificações construídas pelo ser humano).

Nessa perspectiva combinada, entra a questão do planejamento habitacional conjugado com a preocupação ambiental de modo equânime em toda a paisagem urbana (diferentemente de alguns modelos de “ilhas verdes” atualizados em São Paulo); a questão da coisificação do ser humano que se conjuga ao consumismo exacerbado, que por um lado não permite condições materiais de vida digna a grande parte pobre da população mundial, e por outro, não traz felicidade e satisfação para os poucos que consomem exageradamente.

Desse modo, a transformação é pensada como resultado da confluência de diversas ações coletivizadas, que não podem ficar somente no plano individual.



Outro ponto importante refere-se ao fato de que, muito embora as instâncias de poder decisórias nacionais e internacionais dialogam e alcançam alguns consensos, todos aqueles que desejam, podem e devem participar, envolver-se, engajar-se nessa questão da garantia da sustentabilidade e da paz.

Quanto ao modo de ação, é preciso estabelecer parâmetros, uma visão comum em torno das informações técnicas e científicas que permitam trabalhar em prol da redução das mudanças climáticas.

Qualquer ação no sentido de diminuir as causas e os efeitos das mudanças climáticas é válida

Trazendo o debate para a contemporaneidade, Rubens destacou que se a conferência de Copenhague for um fracasso ou um sucesso, é preciso enfrentar o desafio da ação, tanto para um reengajamento, quanto para a execução de possíveis acordos estabelecidos.

Estamos no momento de nos voltarmos para as nossas diversas correntes religiosas, nossos públicos, pessoas do nosso círculo social com a finalidade de criar uma aliança de ação necessária para a transformação dos habitantes, dos habitats e das habitações.

Isto porque todos temos consciência de que “se não queremos ser vítimas do aquecimento global, certamente também não queremos ser cúmplices” [do mesmo]. Nesse sentido, qualquer tipo de ação é válida, desde plantar uma árvore, até influenciar a política de energia do governo brasileiro.



Rubens Born,
coordenador do Vitae Civilis

Campanha Tictactictac

Finalmente, Rubens fala da Campanha Tictactictac, que consiste em uma iniciativa internacional que reúne lideranças religiosas, empresariais, cientistas, ativistas de ONGs, movimentos sociais, populações indígenas, e de comunidades tradicionais cuja pretensão é chamar a atenção de todos para a urgência da ação no sentido de



frear as mudanças climáticas. A campanha traz uma mensagem de ordem: “acorda! é hora de trabalhar pela transformação do ser humano, pela transformação dos nossos habitats”.

Em seguida, houve a exibição do vídeo da Campanha Tictactictac e de outra intitulada “Adaptação”, cuja tônica é mostrar que nós precisamos nos adaptar ao planeta e não ele a nós.

Autoridade moral das lideranças religiosas

Na seqüência, Thais Corral retomou a palavra para comentar a importância do engajamento e da mobilização das pessoas envolvidas na temática das mudanças climáticas e passou rapidamente a palavra ao Bawa Jain, para um último comentário.

Bawa Jain pediu aos participantes do Encontro para terem uma questão em mente: “que tipo de autoridade os líderes religiosos têm?”.

Do seu ponto de vista, os líderes religiosos têm uma autoridade moral, e a questão da mudança climática é uma questão imperativa moral. Para ele, se pudermos educar os líderes religiosos será possível multiplicar a visão de que esse tema é um imperativo moral no planeta.

Desse modo, ele sugere que todos pensem num programa de educação para as lideranças atuarem nas suas comunidades religiosas, de modo que a questão das mudanças climáticas possa ser multiplicada.

Thais Corral retomou a palavra enfatizando que o objetivo central do encontro de hoje é o desenho de um programa de educação ambiental voltado para o suporte para a ação nas comunidades religiosas. Antes do encontro vespertino, onde essa questão será retomada mais detidamente, Thais propôs às pessoas que apresentassem as motivações e expectativas que as levaram a participar daquela Reunião.

Essa primeira rodada de falas contou com apresentações de lideranças espíritas, católicas, evangélicas. Algumas pessoas destacaram-se por falas com caráter mais propositivo.

Importância do espaço para a troca de saberes e para a ressacralização da relação ser humano-natureza

A primeira delas seria a de Denise Fonseca, professora da PUC-Rio, que comentou a questão da educação dos líderes religiosos proposta por Bawa Jain. Ela acredita que o tom da fala de Bawa Jain evoca uma percepção da educação como doação de informações e saberes por parte dos detentores do saber científico e técnico, aos desprovidos do conhecimento.



Nesse sentido, ela propôs que a construção “educar os líderes religiosos” seja substituída por “informar os líderes religiosos a respeito do conteúdo ‘meio-ambiente’”, de modo que seja possível compartilhar, trocar saberes técnicos e científicos a respeito do meio-ambiente com os saberes das tradições religiosas.

Sua proposta é a da educação mútua dos fundamentos da relação homem-natureza a partir de diferentes olhares sobre a questão, tratados de maneira equivalente. O debate mais profícuo entre meio ambiente e religiões, do ponto de vista de Denise, seria justamente observar as questões de fundo ético presentes na sagrada relação homem-natureza, dessacralizada pela sociedade atual.

O desafio de se instaurar o senso de urgência

Para Rafael, ogã do terreiro da Casa Branca em Salvador e presidente da organização Koinonia, o principal desafio para lidar com a questão das mudanças climáticas entre as lideranças religiosas é fazê-los perceber a urgência do tema.

Diferentes tradições já promovem ações voltadas à educação ambiental e intervenção

Graça, do Movimento Inter-religioso, teceu uma série de comentários. Em primeiro lugar, destacou que apesar da novidade da nomenclatura “mudanças climáticas”, muitas ações em prol do meio ambiente foram e continuam a ser feitas no Rio, tanto de cima para baixo, quanto de baixo para cima. Do seu ponto de vista, há muitas ações locais, projetos de educação ambiental em escolas, parques, nas próprias comunidades, e mesmo ações de intervenção em curso.

Lembra ainda que todas as questões relativas à relação do homem com o ambiente são motivo de reflexão entre as diversas tradições religiosas e inserem-se nos seus fundamentos. Para promover um diálogo com essas tradições e mobilizá-las para a ação, é preciso ter isso sempre em mente.

Foco na educação para o consumo

Swami Sunimalananda, membro da Ordem Ramakrishna comentou a importância da dimensão do sagrado para lidar com a questão ambiental. Outro ponto seria a urgência do debate sobre uma educação também sobre o consumo.

Teatro do oprimido como técnica educativa

Padre Geraldo Lima, da Arquidiocese de Nova Iguaçu, comentou que participa de um grupo ligado ao teatro do oprimido, e ressaltou que este fornece uma técnica muito importante para a educação dos líderes religiosos ou para outros temas a serem trabalhados em comunidades religiosas (ou não). Sua proposta é dar um enfoque mais social, político e ambiental para a experimentação do teatro nas comunidades.

Dificuldade de inserir o tema na agenda das igrejas



Robson Monteiro, membro da “A Rocha Brasil” falou da experiência da instituição com as oficinas de mobilização social das Igrejas. Pela experiência no meio evangélico brasileiro, perceberam a necessidade de mobilizar as lideranças porque elas têm o poder de mobilizar a população. Iniciou-se neste ano de 2009 um programa de educação ambiental com o foco nas regiões norte e nordeste do Brasil. Oficinas foram feitas com lideranças locais em nove capitais.

O *feedback* destas oficinas ainda está sendo avaliado, mas já ressalta a dificuldade de mudar a agenda da Igreja, no sentido de incluir a temática ambiental. Os participantes, membros da igreja são bastante receptivos à discussão, mas os pastores têm muita dificuldade, são muito resistentes à inclusão da temática dentro da programação de atividades da Igreja.

Compilação e disseminação dos estudos de caso incentivaria futuras ações

Timóteo Carriker, também da “A Rocha Brasil”, comentou as especificidades de cada grupo religioso sobre o melhor modo de lidar com a temática ambiental, entretanto, demonstra interesse em desenvolver uma proposta mais fechada, um modelo para as práticas. Acredita que com estudo de casos e coletânea de atividades desenvolvidas isso poderá ser concretizado.

Uma liderança religiosa (não identificada) defende que de um modo geral os líderes religiosos não possuem formação e informações suficientes para trabalhar as questões ambientais em sua comunidade. Para ele, é fundamental o esforço de sistematização de dados e informações em publicações didáticas justamente para divulgar as informações sobre a temática ambiental entre líderes religiosos. Sua proposta é que as informações já compiladas a respeito do tema sejam divulgadas não somente nas igrejas, mas de modo mais amplo.

Finalmente, segue-se uma rodada breve de apresentações de algumas pessoas que chegaram depois de iniciado o Encontro.





Intervalo para o almoço

Construindo uma proposta pedagógica para a formação de lideranças no campo das mudanças climáticas

A segunda parte da reunião iniciou-se após o almoço com a palestrante Thais Corral discorrendo sobre a origem do Encontro.

Em seguida foram apresentados slides com a estrutura do curso LSC tal como ele é realizado hoje para um público diverso, somente como base para posterior discussão e sugestão por parte dos convidados de possíveis formatos de um programa pedagógico sobre mudanças climáticas voltado para lideranças religiosas.

As principais questões apresentadas aos convidados foram as seguintes:

- a) Abordagem Pedagógica – O aluno apresentaria um projeto prático a ser desenvolvido ao longo do curso?
- b) Perfil – Seria um grupo que abrangesse todas as religiões ou seria impossível abranger todas?
- c) Faixa etária – Seria um grupo misto ou com faixa etária pré-definida?
- d) Docentes – teriam de ser necessariamente religiosos?
- e) Duração – Seria possível que se estendesse por 9 meses com 3 imersões de 5 dias?
- f) Financiamento – Será financiado individualmente ou através de instituições; e como engajar essas instituições?
- g) Disseminação – Que papel o ISER poderá apoiar na disseminação?

Os participantes foram então divididos em três grupos para que dialogassem sobre essas questões. Os grupos foram mediados por Marília Assad, secretária executiva do MIR, Napoleão Miranda, coordenador de projetos do ISER e Dra. Denise Pini, professora da PUC-Rio. Após a discussão de cerca de 40 minutos, um representante de cada grupo apresentou as principais conclusões para os demais convidados na plenária.

Abaixo, uma análise sintética das principais conclusões e recomendações apresentadas pelos grupos.



Curso voltado para agentes religiosos é de suma importância para os convidados

Foi opinião dos convidados que a construção de um curso voltado para lideranças religiosas no campo das mudanças climáticas é de suma importância para a conscientização e sensibilização sobre as problemáticas ambientais, sendo capaz de alcançar um grande número de pessoas.

A religião torna possível a ressacralização da natureza e a restauração da relação do homem com ela, possuindo portanto um importante potencial revolucionário para disseminar mudanças no comportamento e formar redes que se enraizarão na sociedade.

Uma das primeiras recomendações apresentadas pelo grupo é a incorporação de pequenas ações voltadas à redução de emissões de gases de efeito estufa e a mudanças de comportamento e padrões de consumo nos centros religiosos, tais como: troca das lâmpadas incandescentes por fluorescentes, coleta seletiva, diminuição de materiais descartáveis, etc.

Seria também desejável, segundo os participantes, uma maior participação dos agentes religiosos nos conselhos ambientais, nas instâncias de formulação de políticas públicas, de modo a pressionar autoridades competentes, governo e empresas para a melhoria do meio ambiente e de ações fiscalizadoras através de cartas, e-mails, abaixo-assinados, etc.



**Grupo mediado pela Marília Assad,
secretaria executiva do MIR**

Material didático não deve ter cunho religioso, mas deve abordar valores éticos presentes nas tradições religiosas

Um dos grupos recomendou que fosse despertado o lado sensorial da comunidade religiosa para sua sensibilização em relação às questões do clima. Para isso, o uso de imagens reais e de impacto e até mesmo de dinâmicas que demonstrem os possíveis efeitos das mudanças climáticas no dia a dia das pessoas foram recomendadas.



Foi unânime a opinião de que o material pedagógico a ser desenvolvido pelo curso não deverá ter cunho religioso. Entretanto, foi sugerido que esse material aponte para questões gerais sobre a ressacralização da natureza, da relação do homem com a natureza e da possível liderança do homem religioso em relação às mudanças climáticas. Ainda foi recomendado que os valores éticos das religiões em relação ao respeito à natureza presente em todas as tradições devem ser tratados e destacados.

Redução, mitigação e adaptação como eixos temáticos

Os temas de cunho técnico podem ser abordados em três eixos: redução, mitigação e adaptação. Foi sugerido também que sejam apresentados casos reais de ações bem sucedidas evitando, assim, esquemas de aulas puramente teóricas – maçantes – e estimulando trocas de experiências e relatos pessoais. No que tange a proposição concreta de ações, os alunos do curso devem estar a par das limitações e potencialidades de suas comunidades para saber pontuar as suas necessidades, procurando implantar projetos relevantes, objetivos e verificáveis.

Recomendações gerais quanto à abordagem pedagógica:

- Despertar o sensorial para alcançar o sonho e construir o projeto;
- Como fazer uma sensibilização para os problemas climáticos?
- Retomar o respeito do ser humano na sua relação com a natureza;
- Como trabalhar lideranças dentro da própria tradição religiosa?
- Liderança para a ação;
- Conceber projetos;
- O primeiro passo é estimular o sonho, a partir do sonho os projetos apareceriam;
- Trabalho de pesquisa/ relatos;
- Focar no local, no que está próximo;
- Levar informação as pessoas que não tem acesso, seja por noticiários, pesquisas. Despertar as pessoas para a importância do tema;
- As ações devem partir das questões pequenas;
- A capacitação teria dois focos: primeiro atingir os formadores de opiniões (lideranças religiosas). E num segundo momento levar essas informações ao público (base), pelo líder;
- Retomar o respeito à natureza que já existe na essência das religiões.



**Grupo mediado por Napoleão Miranda,
coordenador de projetos do Iser**

Como motivar os alunos para ação?

A seleção de alunos de um possível curso através da análise de projetos trazidos por eles foi questionada pelo grupo, tendo em vista que para que as pessoas apresentem um projeto, elas teriam que ter um acúmulo pessoal de militância e conhecimento sobre o assunto, não sendo essas pessoas, com tais características, o foco do curso.

Algumas questões levantadas pelo grupo:

- Trabalhar lideranças religiosas - O que é? Quem é o líder (depende da tradição)? Como abordar uma liderança?
- Como trabalhar lideranças a partir das tradições religiosas?
- Como integrar lideranças (mesmo divergentes)?
- Como sensibilizar aqueles que estão indiferentes para os problemas climáticos?
- Como ajudar as pessoas de base a construir novos valores para a conscientização?
- Como desenvolver um discurso de sensibilização para implantar projetos?
- Como aprender a simplificar o que é complexo?



**Grupo mediado pela Dra. Denise Pini,
professora da PUC-Rio**

Curso deve ser voltado a pessoas religiosas, não lideranças



Em virtude de o curso proposto requerer um alto nível de dedicação e uma carga horária intensa, sugeriu-se que deve ser voltado para pessoas religiosas e não necessariamente para os líderes religiosos. Propôs-se que os alunos contemplem um equilíbrio de gênero, idade, diversidade social e geográfica, inter-religiosos e não religiosos.

Foi destacada a importância da participação de jovens e pessoas convocação para as questões ambientais, formando um novo quadro de lideranças e militantes. Nesse aspecto, o curso deve ser voltado para possíveis multiplicadores de ações em relação às mudanças climáticas no âmbito religioso.

Módulos curtos com imersões

O curso voltado para o público religioso não pode ter uma carga horária que requeira dedicação de semanas inteiras. A sugestão do grupo foi que o curso seja dividido em módulos curtos que sejam entremeados de aulas práticas no formato de retiros espirituais e ecológicos.

Tradições em geral não possuem verba para arcar com os custos do curso

Os participantes do Encontro concordaram que, de um modo geral, seria impossível para as instituições religiosas arcarem com as despesas de um curso conforme sugerido. É, portanto, necessário pesquisar outros formatos e possíveis patrocinadores.

Utilização de meios de divulgação diversificados é fundamental

As informações sobre a problemática das mudanças climáticas e sua relação com os resultados alcançados pelos alunos do curso deverão ser disseminadas por toda a mídia possível, visando alcançar o maior número de pessoas. Crê-se que assim as pessoas despertariam para a importância do tema.

Foram sugeridos os seguintes meios de divulgação que alcançam uma considerável parcela da população: internet, noticiários, escolas dominicais, círculos bíblicos, cerimônias religiosas, grupos específicos e cartilhas com linguagens distintas para cada público alvo.

Combinação do saber acadêmico e dos saberes tradicionais e os papéis das lideranças nas pastorais

O curso deverá consistir de docentes acadêmicos e de saberes tradicionais, não sendo necessariamente religiosos. Dessa forma, será mais fácil vislumbrar a aplicação do conteúdo aprendido no curso nas diversas pastorais religiosas.



Sugeriu-se que: 1) sejam implantadas nos centros religiosos as propostas voltadas à educação, mitigação e adaptação às mudanças climáticas; 2) haja participação dos grupos religiosos em instâncias relacionadas a políticas públicas ambientais; 3) que os atores religiosos pressionem as autoridades para a melhoria do meio ambiente através de: cartas, e-mails, abaixo-assinados, etc; 4) o líder esteja atento à sua comunidade para melhor descrever as suas necessidades quando tratar de assuntos relacionados às mudanças climáticas.



Avaliação

A avaliação do evento se deu virtualmente. Foi enviado um email a todos os participantes para que completassem três frases: 1) que bom que...; 2) que pena que...; 3) que tal se.... Dos 45 participantes do encontro, 22 responderam a avaliação.

Cada uma dessas frases permite a apreensão quantitativa e qualitativa do atendimento ou não das expectativas dos participantes e permite a reunião de sugestões, encaminhamentos e/ou aponta para futuros desdobramentos das atividades realizadas.

As avaliações foram reunidas e classificadas em respostas afins que tratavam do mesmo tema ou do mesmo tipo de opinião, levando em conta as múltiplas respostas dos participantes.

A seguir, será apresentada a tabulação dessa classificação, que permite uma noção geral das percepções aferidas. Como complemento a esse levantamento quantitativo serão apresentadas algumas frases retiradas das avaliações, respeitando a confidencialidade, para que haja uma apreensão qualitativa dos elementos mais recorrentes.

Que bom que...

O que pareceu mais agradar os convidados do encontro foi ter percebido o quanto as instituições religiosas e suas lideranças estão mobilizadas para o tema das mudanças climáticas. A diversidade de instituições presentes foi muito elogiada.

As lideranças de um modo geral se mostraram dispostas a trabalhar colaborativamente na promoção de diálogos e projetos sobre a confluência entre mudanças climáticas e religião.

“Que bom que as tradições religiosas representadas no Encontro demonstraram interesse em dialogar e atuar de forma colaborativa na área de mudanças climáticas”.

Foi também bastante apreciado como um fator positivo do encontro o respeito e a harmonia reinante entre os convidados, propiciando um campo fértil para futuras ações conjuntas.

“O que mais me marcou foi o respeito mútuo e em alguns casos décadas de dedicação aos propósitos de suas respectivas tradições. Senti que o otimismo indispensável ao momento pairou e repousou conosco naquele dia”.



A organização do encontro também foi um ponto forte na avaliação dos participantes.

“Que bom que a reunião foi bem conduzida e obedeceu aos horários pré-estabelecidos”.

“A equipe organizadora está de parabéns pelo primoroso Evento e pelo clima de fraternidade favorecido entre todas as tradições, clima esse, que vem bem caracterizando a excelência do trabalho desenvolvido pelo ISER”.

Que bom que...	Freq.	%
Houve interesse e disponibilidade das instituições presentes em unir esforços para atuar de forma colaborativa	6	17%
Houve harmonia e respeito entre participantes	5	14%
Foi possível mobilizar lideranças de diversas tradições religiosas	5	14%
O evento foi bem organizado	4	11%
O evento mostra a importância simbólica das mudanças climáticas	3	8%
Verificar que já há instituições que estão engajadas nas mudanças climáticas	3	8%
Este evento poderá ser um primeiro passo para futuras ações	2	6%
Houve acolhimento do Iser e da equipe organizadora	2	6%
O evento possibilitou a formação e estreitamento de redes	2	6%
O evento foi de âmbito internacional	1	3%
Obtivemos algumas conclusões sobre o tema	1	3%
Ficou um senso de otimismo	1	3%
Mudanças climáticas promovem convergência de temas	1	3%
Total	36	100%

Que pena que...

A principal crítica em relação ao encontro foi a falta de tempo para aprofundamento sobre as questões levantadas. Através das avaliações nota-se um desejo por parte dos convidados de conhecerem melhor as iniciativas das instituições que estiveram presentes e ter mais tempo para diálogo e trocas sobre as suas iniciativas e um aprofundamento maior sobre a proposta pedagógica.

“Que pena que não foi possível ter tempo suficiente para um diálogo mais aprofundado sobre qual posição cada religião possui a respeito do assunto”.



“Que pena que a duração do encontro foi insuficiente para pensarmos um pouco mais sobre possíveis projetos de mobilização religiosos”.

“Que pena que se era uma consulta, tenha ficado um tempo tão reduzido para o diálogo, uma hora no máximo de um dia de trabalho”.

Que pena que...	Freq.	%
Pouco tempo	3	20%
Pouco tempo para aprender sobre atuação das instituições presentes em relação ao tema	2	13%
Existem pessoas que não estão conscientes da urgência das mudanças climáticas	1	7%
Pouco tempo para a palestra do Rubens Born	1	7%
Pouco tempo para aprofundar sobre proposta pedagógica	1	7%
Pouco material de divulgação sobre as iniciativas das congregações presentes	1	7%
Falta dinheiro e disponibilidade de tempo de alguns participantes para o tipo de curso proposto	1	7%
Faltaram representantes de importantes instituições	1	7%
Faltou foto final	1	7%
Faltou avaliação final	1	7%
Pouco tempo para mobilização efetiva dos participantes	1	7%
A representação religiosa foi muito mais local que nacional	1	7%
Total	15	100%

Que tal se...

Essa parte da avaliação teve respostas bastante diversas, o que é natural por tratar-se de uma questão mais propositiva que as anteriores e refletir sobre as expectativas individuais de cada participante sobre futuros desdobramentos desse encontro.

Notou-se anseios dos convidados principalmente quanto a: 1) um maior controle do tempo das falas dos participantes; 2) distribuição prévia de material sobre as instituições presentes e suas respectivas iniciativas relacionadas às mudanças climáticas; 3) continuação do diálogo iniciado no encontro através de uma rede.

“Que tal se fossem distribuídos previamente 1) uma compilação sobre a posição e atuação de cada tradição religiosa representada/convidada para o Encontro na área de mudanças climáticas? 2) um resumo da proposta



pedagógica para que os participantes pudessem consultar internamente com suas congregações/líderes antes do Encontro e trazer contribuições mais concretas para a consulta durante o Encontro?”

“Que tal se continuássemos conversando e trabalhando o tema nos seus diversos aspectos: religioso, científico, entre outros, animando a rede formada pelo encontro de pessoas”.

Que tal se...	Freq.	%
Houvesse maior controle do tempo de fala de cada participante	2	11%
Distribuição de material prévio ao encontro para preparação dos convidados	2	11%
Fosse dada continuidade a este diálogo abrangendo diversos temas levantados em uma rede	2	11%
Envolver escolas na sensibilização para as questões das mudanças climáticas	1	6%
Focar na capacitação de jovens, mas ter o apoio das lideranças	1	6%
Cada liderança entregasse por escrito uma posição sobre o assunto a ser discutido para gerar diretrizes	1	6%
Houvesse uma maior mobilização no próximo encontro	1	6%
Houvessem futuras palestras ou capacitações sobre o tema	1	6%
Houvesse maior divulgação nos diferentes meios de comunicação dos ideais ambientais	1	6%
Houvesse mais tempo para que participantes compartilhem experiências	1	6%
Usufruir menos do conhecimento acadêmico e mais dos saberes de base	1	6%
Houvesse uma seleção mais criteriosa dos participantes para que as discussões adquiram mais profundidade	1	6%
O Iser promovesse um debate mais profundo do diálogo das religiões diante dos desafios das mudanças climáticas antes de lançar um curso	1	6%
Os resultados do encontro não fiquem restritos à internet	1	6%
O próximo encontro não coincidissem com dias sagrados de nenhuma tradição	1	6%
Total	18	100%



Conclusões

O Encontro foi realizado conforme planejado, tendo atendido aos objetivos propostos. Uma grande diversidade de lideranças religiosas esteve presente, sendo que grande parte delas demonstrou já estar engajada em ações no campo das mudanças climáticas. Aquelas que não possuem ações concretas estão refletindo sobre o assunto de modo que o espaço foi importante como fomentador de diálogos e de interação entre os participantes.

Como resultado do Encontro, evidenciou-se o interesse em aprofundar o debate através da criação de uma rede na qual os convidados do Encontro e outros interessados possam participar ativamente.

Para o ISER, internamente, o evento proporcionou a reunião de dois eixos temáticos – meio ambiente e religião – integrando ainda a área de comunicação como peça fundamental para a disseminação do tema, cobertura e divulgação dos resultados do evento.

O ISER, atendendo aos anseios surgidos nesse primeiro Encontro, visa usar seus resultados como base para futuras ações da Instituição, tais como: 1) a promoção de diálogos entre lideranças religiosas sobre mudanças climáticas; 2) uma capacitação para agentes religiosos sobre o tema, valorizando a troca de diversos tipos de conhecimento (científico, político, ético, religioso, etc.); 3) o engajamento de agentes religiosos em ações concretas nas suas pastorais, conforme seus interesses; e 4) uma publicação que reúna contribuições de lideranças religiosas sobre o tema mudanças climáticas.

Espera-se que esse encontro permita que toda a sociedade civil possa se conscientizar mais da temática que decorre dos desafios climáticos e que o ISER continue sendo um fórum para diálogos multissetoriais, participativos e propositivos como este.



Anexo 1 – Lista dos participantes

Nome	Instituição/tradição	Email	Telefones
Ana Pedrasas	Adventista do Sétimo Dia	anapedravasmed@gmail.com	(21) 22645466
Apené Paula Moura	Representante da tradição indígena	aquia.sonhadora@hotmail.com	(21) 32970705
Bawa Jain	World Council of Religous Leaders	b.jain@wcorl.org	+1 (212) 967 2891
Christina Vital	Insituto de Estudos da Religião - ISER	chrsvital@iser.org.br	(21) 25553781
Cintia Maria da Silva	Programa de Formação e Educação Comunitária - PROFEC	cintia.airam@hotmail.com	(21) 27765906
Claudison Rodrigues	Diretoria de Educação Ambiental/MMA	claudison@iser.org.br	(61) 33171241
Clemir Fernandes	Insituto de Estudos da Religião - ISER	cfernandes@iser.org.br	(21) 22543336
Cristina Brito	Conselho Espírita do Rio de Janeiro-CEERJ	cristina.brito@terra.com.br	(21) 88990914
Daniel Evangelista	Rede Ecumênica da Juventude - REJU	danievan.daniel@gmail.com	(21) 30426445
Daniela Sanches Frozi	Tearfund Brasil/CONSEA	frozi@nol.com.br	(21) 25608290
Daniella Riche	Baha'i	daniella.hiche@bahai.org.br	(61) 33643594
Denise Pini	PUC / RJ	dfonseca@puc-rio.br	(21) 88115050
Fernando Frickman	Superintendencia do clima e mercado de carbono	marcia.real@terra.com.br	(21) 23345911
Francisco Carlos	ABAMA - MA	fcarlosmachado@gmail.com	(98) 87017371
Gabriel Rabello Sayad	Iser	gabrielpiu@gmail.com	(21) 82411828
Geovana Nunes	Movimento de Amor ao Próximo	astrogildo@superiq.com.br	(21) 22603386
Hebert Lima	ISER	hebert@iser.org.br	(21) 25553782
Jefferson André	Igreja Batista	jef.andre8@gmail.com	(21) 85485759
Joemir Armendro	Templo Umbandista Oxossi Caçador	armendro@terra.com.br	(21) 21962269
José Carlos Dionizio	Comunitária	profec@profec.org.br	(21) 27765306
Luiz Antonio Souto Monteiro	Centro Ramakrishna Vedanta RJ	luizeneida@yahoo.com.br	(21) 25511208
Luiza Maria Grael Fontes	Fale	lgrael@hotmail.com	(21) 88942456
Maria das Graças Nascimento	MIR/RJ	luzgraca@uol.com.br	(21) 25497518
Maria Dalva Bonet	tradutora	mdalvabonet@nefartar.com.br	(21) 25133214
Maria Rita Villela	Insituto de Estudos da Religião - ISER	mvillela@iser.org.br	(21) 25553782
Marília Assad	Insituto de Estudos da Religião - ISER	mariliaassad@iser.org.br	(21) 25553782
Monja Tenzin Nambrol	Budismo	tnamdrol@gmail.com / tenzin@oi.com.br	(24) 22351728
Napoleão Miranda	Insituto de Estudos da Religião - ISER	napoleao@iser.org.br	(21) 88785241
Paola Oliveira	Insituto de Estudos da Religião - ISER	poliveria@iser.org.br	(21) 25553782
Pe. Geraldo Lima	CPT - Nova Iguaçu	geraldojoaolima@ig.com.br	(21) 26675363
pe. Josafá Carlos de Siqueira	PUC / RJ	josafa@puc-rio.br	(21) 35271123
Pedro Strozemberg	Insituto de Estudos da Religião - ISER	pedro@iser.org.br	(21) 25553780
Pr. Werner Fuchs	Igreja Luterana	w.fuchs@uol.com.br	
Rafael Soares de Oliveira	Koionia	rafael@koinonia.org.br	(21) 30426445
Rev. Uriel Teixeira	C. Nucleos Capacitação Miss. Igreja Metodista	leacordeiro@yahoo.com.br	(21) 26274033
Reverendo Helinton Paes	Igreja Presbiteriana Independente	helinton.paes@gmail.com	(21) 25961925
Robson Monteiro	A Rocha Brasil	>	(21) 93847715
Roseana Leite	Budismo	roseanaleite@hotmail.com	(21) 25913382
Rubens Born	Vitae Civilis	rborn@vitaecivilis.org.br	(11) 46861851
Sami Isabelle	Assembléia Mundial da Juventude Islâmica - WAMY	sami.isabelle@bol.com.br	(21) 22241079
Silvia Nogueira	Igreja Batista	pra21nogueira@yahoo.com.br	(21) 27048239
Swami Sunirmalananda	Centro Ramakrishna Vedanta de SP	vedantasp@uol.com.br	(11) 55793113
Thais Corral	Global Leadership Network - GLN	corral.thais@gmail.com	(21) 22621704
Timóteo Carriker	Capelão A Rocha Brasil	timcarriker@gmail.com	(48) 96293333
Tury	tradição indígena		(21) 31050516



Anexo 2 – Artigo Rubens Born

Born, Rubens. “Mudanças de clima e verdades inconvenientes”, O Custo Ambiental. In *Le Monde Diplomatique*, 24/07/2008.



Mudanças de clima e verdades inconvenientes: é hora de acabar com a hipocrisia e agir seriamente, nas negociações internacionais e no Brasil

Texto de Rubens Harry Born, do Vitae Civilis Instituto para o Desenvolvimento, Meio Ambiente e Paz (www.vitaecivilis.org.br , que há 18 anos acompanha as negociações internacionais em mudança de clima.

Aproxima-se a 15ª Conferência das Partes (CoP-15) da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança de Clima e a 5ª Reunião das Partes do Protocolo de Quioto, que acontecerão em Copenhague, em dezembro de 2009, momento no qual se espera sejam tomadas decisões políticas importantes para reorientar as atividades econômicas e sociais, a fim de reverter o aquecimento global e as mudanças de clima. Enquanto cientistas, ambientalistas e ativistas de diversos movimentos sociais e grupos da sociedade civil reiteram suas demandas por políticas e ações robustas, efetivas e urgentes para lidar com as causas antrópicas e com os efeitos das mudanças de clima e com o atendimento de princípios de justiça, direitos humanos e equidade, continuamos a presenciar o jogo de forças poderosas que se valem de argumentos e estratégias diversos para evitar a alteração dos paradigmas e modelos de desenvolvimento.

Sim, um dos mitos a ser rompido é de que se trata de um problema meramente ambiental, e que acordos e medidas se reduzem a ações de maior eficiência no uso de recursos naturais ou planos de conservação (embora obviamente necessárias). O aquecimento global e suas consequências atuais e futuras revelam a insustentabilidade das formas, estruturas e arranjos econômicos, e também dos valores que os fundam e que permitem, em pleno século XXI, apesar de todos os avanços tecnológicos logrados, que a humanidade conviva com mazelas (fome, mortalidade infantil, falta de saneamento, poluição ambiental etc) que poderiam ter sido superadas, se fossem praticados princípios de solidariedade e justiça social

Outra idéia equivocada, lamentavelmente bem usada pelos setores que se contrapõem às alterações estruturais da economia e dos hábitos de consumo, é de que não haveria suficiente comprovação científica da influência das atividades humanas sobre o sistema climático da Terra. Ora, alguém com razoável discernimento, pode imaginar que não houvesse suficiente conhecimento para a decisão de negociar um acordo global, com data para sua adoção na Rio-92, tomada em 1990 líderes de



governo em evento da ONU? Diga-se de passagem, que os principais países então (Novembro de 1990) eram chefiados por governos conservadores (Bush, EUA; Helmut Kohl, Alemanha; Collor, Brasil, etc). Soma-se a esse, outro argumento lamentavelmente muito usado no Brasil, por setores ruralistas, empresariais e governamentais, de que medidas de cunho “ambiental” são obstáculos ao “desenvolvimento” (referido como crescimento econômico). E mais um mito: o de que respostas aos problemas de mudanças de clima dependem de ações exclusivamente dos países industrializados (que, não obstante, tem significativa maior responsabilidade pelas causas e respostas).

Contradições - Alguns dizem que é muito caro mudar a infra-estrutura industrial e urbana existente nos países desenvolvidos, transformando-a de tal maneira a diminuir drasticamente as emissões de gases de efeito estufa nas próximas décadas (pelo menos 40% em relação aos níveis de 1990, segundo proposta da CAN – Climate Action Network, ou de tal maneira que a concentração na atmosfera desses gases recue para menos de 350 ppm). Outros dizendo que é melhor atuar onde é mais barato. Mas outros dizendo que ainda não podem atuar se os que têm maiores condições e maior responsabilidade não tomarem a dianteira nas ações. Todos os argumentos pertinentes, mas o dilema fica: ninguém avança pois ninguém avança. Alias, o que avança é a tentativa de salvar, com trilhões de dólares, um modelo econômico que ignora os impactos sociais e ambientais, que mantém na miséria milhões de pessoas e degrada com os serviços ecossistêmicos em todo o planeta. No jogo de empurra-empurra, as nefastas conseqüências ficaram para os mais vulneráveis.

Pintar o quadro de mudanças do clima como uma situação meramente ambiental permitiu assim torná-lo secundário, ao modo usual de tocar adiante políticas e negócios. Mas a gradual atenção da sociedade, para a qual valeram a escolha dos trabalhos de milhares de cientistas do IPCC (Painel Intergovernamental de Mudanças de Clima) e do ex-vice presidente estadunidense Al Gore para o Prêmio Nobel da Paz em 2007, além da ocorrência de situações de extremos climáticos, cujas conseqüências sociais foram agravadas pela negligencia de fatores e limites ambientais (em Santa Catarina, em 2008, por exemplo).

Mas não dá mais para aceitar discursos e atitudes que, hipocritamente, são responsáveis por milhões de vítimas inocentes de “fenômenos naturais” (inundações, secas, etc.), especialmente em regiões e países mais vulneráveis, em nome de um pretenso crescimento econômico ou de resolução prioritária de desafios sociais. Passados 17 anos da assinatura da Convenção sobre Mudança de Clima, na Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro, em 1992, é mais do que hora para que governos, empresas, organizações da sociedade, cidadãos e cidadãs, considerando suas responsabilidades diferenciadas, assumam compromisso com a sustentabilidade socioambiental. Fazer a paz com o planeta implica promover a justiça social, a dignidade de vida e a democracia entre seres humanos, nos vários e entre países.

Mas, no Brasil, o que avança é a “cara de pau” de muitos líderes políticos, empresas e pessoas, que se apropriam das expressões de desenvolvimento sustentável para manter e ampliar negócios feitos à custa da deterioração ambiental e da saúde da população. Mais de 3 mil mortes são estimadas a cada ano porque duas instituições ligadas ao Estado Brasileiro resolveram descumprir uma resolução do Conama (Conselho Nacional do Meio Ambiente) que determina um calendário de melhoria da qualidade do diesel usado por ônibus e caminhões. O desmatamento avança também por conta das pressões e atividades de empreendimentos – ligados aos setores de pecuária e agrocombustíveis – financiados por um grande banco de desenvolvimento econômico e social do Brasil. Uma nota pública assinada por dezenas de ONGs indicou médias, tanto para o campo como para as cidades, que “demonstram claramente que a lógica do crescimento econômico a qualquer custo vem solapando o compromisso político de construir um modelo de desenvolvimento socialmente justo, ambientalmente adequado e economicamente sustentável”.

O que esperar no Brasil, de um governo que em nome das prioridades sociais ousa em aliar-se a setores retrógrados e promover a desmontagem da política e legislação ambiental em troca de um crescimento econômico concentrado na mão de poucos, enquanto as conseqüências sociais, agravadas pelo desrespeito às dinâmicas e limites ecológicos, recaem sobre todos (como as enchentes no Sul e no Nordeste, por exemplo). Vale tudo em nome do atendimento de demandas sociais resultantes de décadas de um modelo de desenvolvimento injusto e instável? Será que



nostros governantes, nas várias esferas da Federação, seguem a recomendação de Nicolau Maquiavel, feita há cinco séculos, de que o governante (um príncipe) “deve estimar os poderosos, porém não se tornar odiado pelo povo”?

O que cabe a cada país e ao Brasil? Quem deve realizar algo, quando e como? Quem paga a conta das alterações? Essas são questões que estão explicitadas nas negociações da Convenção Quadro de Mudanças de Clima, no Protocolo de Quioto e no que for estabelecido em Copenhague. Deviam, portanto, ser parte do debate nacional sobre desenvolvimento.

Entre as várias medidas que os Estados devem tomar, está a elaboração e implementação de políticas públicas e de ferramentas de gestão que permitam ao governo, às empresas e à sociedade agilizar e cumprir ações de alteração dos sistemas de produção e consumo voltadas a ampliar a sustentabilidade do desenvolvimento humano.

Em 2008, depois de tantos anos, o Brasil finalmente elaborou um plano apresentado pelo presidente Lula em dezembro passado, no mesmo dia que iniciava em Poznan, Polônia, a CoP-14. Infelizmente, era um plano para polônês (inglês, alemão etc.) ver. Temos um copo com água (mas cabe a cada um avaliar se o copo está meio cheio ou meio vazio, e se a água é potável).

Ao ler o Plano Nacional sobre Mudanças Climáticas (PNMC), elaborado às pressas pelo Comitê Interministerial sobre Mudança do Clima (CIIM), ficamos muito apreensivos e decepcionados. A elaboração do PNMC é um compromisso que o Brasil assumiu em 1994, quando ratificou a Convenção. Em novembro de 2007, um decreto presidencial instituiu o CIM, com o objetivo de preparar uma proposta de política nacional e de dar vida a um plano. O Projeto de Lei 3535/2008 da Política Nacional foi encaminhado ao Congresso nacional em junho, e a versão preliminar do plano, que deveria ter sido apresentada para consulta pública em abril de 2008, só foi divulgada em setembro e por um breve período de consultas públicas, após a realização de algumas audiências setoriais. É importante notar que durante 14 anos a elaboração do PNMC foi deixada de lado, ganhando “atenção” do Executivo somente em 2007.

Há dois modos de olhar para a situação: nos limites do plano e seus responsáveis, e no contexto geral de políticas governamentais. Foi significativo o esforço do Fórum Brasileiro de Mudança de Clima (FBMC) e de centenas de pessoas para a elaboração do plano. No entanto, seu formato e a responsabilidade pela sua execução cabem ao governo federal. De um plano espera-se um documento objetivo, que defina metas e ações para o seu cumprimento e indique instrumentos concretos, incluindo a origem dos recursos e financiamentos necessários para que sejam cumpridas. É importante também atribuir responsabilidades a todos os organismos governamentais e setores da sociedade envolvidos com a questão das mudanças climáticas e apontar os ônus decorrentes do seu não cumprimento. As mais de 100 páginas apresentadas são tudo, menos um plano.

O documento é uma mistura de carta de intenções e colcha de retalhos das ações que o país pretende implantar e de algumas que já diz adotar, lançando mão de programas que já estão em curso e que independem do PNMC. Há sim algumas metas, instrumento fundamental de gestão, para temas específicos e importantes, como desmatamento e eficiência energética, mas sobre as quais residem questionamentos acerca da pertinência de prazos e resultados esperados.

O PNMC está dividido em quatro eixos norteadores: Oportunidades de Mitigação; Impactos, Vulnerabilidade e Adaptação; Pesquisa e Desenvolvimento; e Capacitação e Divulgação, que muito excepcionalmente apresentam metas críveis ou objetivos mensuráveis, verificáveis e reportáveis. É impossível tentar encontrar relações entre as ações citadas e sua eficácia em contribuir com a proposta do eixo em que está inserida, principalmente porque quando foram criadas, muitas dessas ações não levaram em conta as mudanças climáticas. Ademais, não estão disponíveis cenários que permitam a elaboração de modelos de desenvolvimento apropriados aos efeitos das mudanças climáticas, imprescindíveis para a construção de um plano sério com bases sólidas.

Nesse sentido, estão previstas para 2009 as conclusões de um estudo do Inpe – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, com o objetivo de prover cenários de impactos das mudanças climáticas de alta



resolução nas três bacias mais populosas e economicamente importantes da América do Sul (Amazônia, São Francisco e Paraná – Prata) e do estudo Economia das Mudanças Climáticas no Brasil, que será uma ferramenta importante para direcionar políticas públicas e empresariais de desenvolvimento.

Visto que mais de 60% das emissões brasileiras de gases de efeito estufa (GEE) provém de mudanças do uso do solo e desmatamento, é imperativo que o PNMC apresente metas concretas de redução e prevenção da perda de cobertura florestal, além de mecanismos políticos, legais e financeiros que possibilitem seu cumprimento. Esses últimos devem ser pensados não só para região amazônica, como também para outros biomas, como o da Mata Atlântica, que não recebeu do plano a atenção merecida, deveria haver programa de médio prazo para restauração de ecossistemas e da cobertura vegetal, uma vez que é importante garantir o fornecimento de importantes serviços ambientais para a região mais densamente povoada do país.

A prevenção e controle do desmatamento ilegal é desafio permanente. A legislação ambiental brasileira é bastante ousada e clara e, se fosse obedecida, permitiria uma redução significativa das emissões. Há nela formas razoáveis de gestão das reservas legais e áreas de preservação permanente. Os anúncios sobre licenciamento de obras de infraestrutura na Amazônia, a aprovação da Medida Provisória 458 que, na busca de promover regularização fundiária, incorporou benesses e oportunidades para grileiros e empresas, na visão de muitos setores da sociedade e até de ambientalistas do partido político do presidente Lula, suscitam oportunidades para o aumento do desmatamento na Amazônia e foram objeto de atenção nas negociações internacionais da Convenção, em Bonn, junho passado, levando ao constrangimento a delegação brasileira. É temeroso o que vemos hoje no Congresso Nacional quanto à flexibilização da legislação florestal e ambiental, o que, associado ao déficit de seu cumprimento, pode levar o país a aumentar as suas emissões de gases de efeito estufa e inviabilizar o desenvolvimento justo e socioambientalmente sustentável em diversas áreas do país.

É importante reconhecer a adoção de metas e mecanismos para prevenção de desmatamento e conservação de ecossistemas florestais, como, por exemplo, os propostos pelo “Pacto pela valorização da floresta e pelo fim do desmatamento na Amazônia brasileira”, documento elaborado por 9 ONGs e que tem como objetivo central zerar o desmatamento na Amazônia até 2015.

Globalmente, o setor energético é o que mais contribui para o aumento das emissões de GEE. A matriz energética brasileira é composta por 55% de fontes fósseis (petróleo e derivados, gás natural e carvão mineral), e na matriz de eletricidade tem destaque a contribuição de grandes hidrelétricas, que apesar de renováveis, quando executadas sem o atendimento de critérios de impactos socioambientais de curto e longo prazo podem não ser sustentáveis. Contudo, o crescimento da demanda por energia abre uma enorme janela de oportunidade para o investimento em fontes renováveis e sustentáveis (solar, fotovoltaica, eólica, biomassa e pequenas hidrelétricas) e em medidas de eficiência energética, visto que, como o próprio plano diz “não há energia mais barata e ambientalmente mais sustentável que a energia economizada”. Porém, quando se trata das questões relativas à eficiência energética, o PNMC apresenta as potencialidades de redução da demanda e seu impacto sobre as emissões sem, no entanto, apresentar metas mensuráveis, reportáveis e verificáveis, fazendo apenas uma listagem de diversos programas governamentais já existentes.

O segundo eixo do PNMC “Impactos, Vulnerabilidades e Adaptação” atesta a necessidade de realização de estudos que contribuam para o desenvolvimento de cenários e comprova o atraso brasileiro em priorizar a questão climática, principalmente no que tange à adoção de medidas de adaptação. Cerca de 80% da população do Brasil vive em cidades que não foram planejadas para suportar eventos climáticos extremos ou mudanças drásticas nos ciclos de chuva e temperatura. A criação de novos padrões urbanísticos e construtivos, com soluções referentes ao conforto térmico, eficiência energética, arborização, sistemas de drenagem, contenção de marés etc., permitirá a manutenção de níveis mínimos de conforto para a população urbana e deveria ser priorizada, mas não existem referências explícitas a esta questão.



A linguagem utilizada é inadequada por não demonstrar objetividade e firmeza e, em diversos pontos, o texto alonga-se por explicações que não cabem num plano de ações. Uma edição criteriosa poderia reduzir, a menos de 30, as mais de 150 páginas do PNMC, incluindo as demais informações em Anexos. Essa medida facilitaria a identificação das ações prioritárias e efetivas e a discussão multissetorial necessária para o enfrentamento da questão climática.

Outro olhar sobre o PNMC busca considerar o contexto político e governamental em que o mesmo se situa. E as evidências não permitem otimismo ou ingenuidade. O ataque frontal à legislação ambiental, capitaneado por ruralistas e ministros, e apoiado em relativo silêncio por setores industriais e comerciais, vem sendo questionado por diversos grupos da sociedade, trabalhadores sem terra, ambientalistas, empresários e lideranças comunitárias.

O mês de junho foi decisivo para testar o compromisso do governo federal com a sustentabilidade socioambiental do desenvolvimento nacional e com sua responsabilidade global para as questões de mudança de clima. Com apoiado de integrantes da bancada governista, foi aprovada a conversão em lei de Medida Provisória apelidada de MP da grilagem de terras, que poderá promover a deterioração ambiental de quase 67 milhões de hectares na Amazônia. Enquanto isso, com a benção de uma ministra poderosa, segue adiante o plano governamental que permite construir mais usinas atômicas e termoelétricas a carvão ou gás, colocando o país, com o aumento de emissões de gases de efeito estufa, na contramão do que deveria ser feito. E em vez de exigir que a indústria automobilística passe por um processo de conversão, para poder ampliar a produção de veículos de transporte coletivo, o presidente celebra a redução fiscal que permite o aumento da venda de veículos particulares, para que os antes pobres possam ser agora ricos contribuintes ao aquecimento global!

O relógio continua a marcar a passagem do tempo. Ouçam o tic-tac-tic-tac, e a cada instante imaginem quantas mortes, de seres humanos e de outros, ocorrem por conta da manutenção das atuais políticas e práticas econômicas. Olhem o calendário e vejam que dezembro estará logo aí: para não serem vítimas nem cúmplices das conseqüências de mudanças de clima, é importante que cada cidadã e cidadão sejam agentes de mudanças de seus próprios hábitos de consumo e, mediante instrumentos democráticos, das políticas públicas e estratégias empresariais. Essa é uma das razões para o engajamento de pessoas e organizações na campanha global para ações em clima (*Global Campaign for Climate Action/GCCA*), para articular demandas da sociedade em torno de resultados efetivos da CoP-15, como, por exemplo, o corte profundo nas emissões dos países industrializados e compromissos e ações efetivas no combate ao desmatamento, na promoção de uma matriz energética sustentável e no apoio à agricultura familiar no Brasil.

É indispensável que o país assuma seus compromissos históricos, atuais e futuros, criar um senso de urgência e tratar o tema com responsabilidade.



Anexo 3 – Artigo site do Iser

ISER reúne Lideranças Religiosas em Debate sobre Mudança Climática



Lideranças de diferentes tradições religiosas se reuniram no ISER para debater o tema das mudanças climáticas. O encontro, além de se propor a discutir um assunto de extrema importância na atualidade, teve o mérito de reunir duas áreas – religião e meio ambiente – cuja relação nem sempre se faz evidente. Afinal, as questões ambientais geralmente são tratadas pelo viés político, ecológico e econômico e apresenta atores definidos, como governos, ecologistas e empresas; enquanto a atuação da área de religião envolve usualmente militâncias especificamente atreladas a uma ação de caráter mais espiritual.

O evento, organizado por Maria Rita Villela, antropóloga e pesquisadora do Programa de Meio Ambiente e Desenvolvimento do ISER, se propôs a estabelecer um diálogo que convidasse os representantes das diferentes tradições religiosas a compartilhar suas idéias e percepções relativas ao tema das mudanças climáticas. A partir dessa dinâmica comprometida com a troca, os participantes tiveram, ainda, a oportunidade de expor e discutir os projetos que vêm sendo desenvolvidos nesta área, por cada tradição. A intenção era a de promover uma união dos esforços de se pensar a questão, com vistas à criação de um programa pedagógico sobre mudanças climáticas para o público religioso.

Para dar início ao debate, Bawa Jain, secretário geral do Conselho Mundial das Lideranças Religiosas (World Council of Religious Leaders), apresentou um vídeo realizado na sede das Nações Unidas, em 2000. Nele, diferentes lideranças religiosas mundiais procuram chamar atenção para a importância de todos os governos e indivíduos incorporarem em seus estilos de vida, decisões políticas e produções científicas alguns princípios éticos comprometidos com o desenvolvimento sustentável e a redução da emissão de carbono.

Esse encontro realizado no ISER no dia 11 de setembro é mais um fruto de pensamentos que remontam a ECO-92, quando se frisou a importância de se buscar meios de conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra. Na época, governos, ONGs e líderes religiosos se reuniram para alertar-nos para o fato de que os danos ao meio ambiente eram de responsabilidade de todos, sobretudo dos países desenvolvidos, os maiores poluidores.

Taís Corral, coordenadora da Rede de Desenvolvimento Humano (REDEH) e diretora da Rede Global de Lideranças (Global Leadership Network), também trouxe à tona a Conferência de 92. Ela ressaltou a importância fundamental do evento para a consagração e difusão do conceito de desenvolvimento sustentável. Todavia, a própria coordenadora da REDEH, ofereceu como contraponto ao clima de nostalgia o fato de que “na década de 90, a sociedade civil discutia bastante o tema, mas esperava muito dos governos; só a partir de 2000, a sociedade civil passou a atuar de



maneira mais incisiva, pois se deu conta da complexidade do tema e da necessidade de tratá-lo através de ações colaborativas”.

Após as apresentações iniciais, que contou também com a fala de Claudison Rodrigues, diretor de educação ambiental do Ministério do Meio Ambiente, e das exposições de Rubens Born, coordenador executivo da ONG Vitae Civilis, as lideranças presentes participaram de uma oficina cujo objetivo era a construção de uma proposta pedagógica para formação de lideranças religiosas que atuem no campo das questões ligadas às mudanças climáticas.

De fato, todos os que participaram da oficina estavam de acordo quanto ao fato de que a missão atual da religião e dos líderes religiosos não será apenas a de manter ritos e tradições seculares e pregar doutrinas atemporais, sem que nenhum tipo de orientação à conduta dos seguidores em relação às questões do seu cotidiano seja oferecida. No que se refere especificamente ao tema das mudanças climáticas, para que esse projeto de ação mais concreta seja levado a cabo é fundamental que essas lideranças se capacitem, de modo que saibam se comunicar com a sua comunidade religiosa e sensibilizá-la para os problemas climáticos.

comunicação@iser.org.br



Anexo 4 - Contribuições do Padre Josafá

O PAPEL DAS RELIGIÕES NAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

1. Papel ético-religioso

- Acentuar a importância da visão cosmocêntrica, onde o teológico, o antropológico e cosmológico estão profundamente articulados.
- Mostrar a importância das diferentes cosmovisões, existentes nas religiões, onde a relação da pessoa humana com a natureza é fundamental.
- Mostrar que as diferentes espiritualidades, existentes nas diversas explicitações religiosas, são fundamentais para o processo de humanização da pessoa humana e de suas relações com a natureza.
- Reforçar a dimensão transcendente do mundo criado por Deus, onde a pessoa humana e as diversas formas de vida existentes no planeta têm uma destinação natural e sobrenatural.
- Organizar retiros espirituais cuja temática esteja voltada para a relação da pessoa humana com Deus e com a natureza.

2. Papel ético-educativo.

- Aproveitar os espaços formativos e catequéticos para reeducar as pessoas em suas posturas, mostrando a importância da educação ambiental para a formação de valores e a correção de hábitos ecologicamente incorretos e socialmente injustos (destruir as fontes sequestradoras de carbono (árvores), emitir gases danosos à camada de ozônio, Comprar madeira não certificada, poluir rios e mares, usar produtos que não são reciclados em curto prazo, não plantar, consumo excessivo etc, etc)
- Usar os meios de comunicação e de publicação para mostrar a postura da religião diante dos limites do planeta e a responsabilidade pelo destino comum de toda a criação.
- Motivar e incentivar, nas estruturas educacionais (colégios, escolas, universidade), as iniciativas voltadas para a ética ambiental (teatro, músicas, projetos, filmes, cursos etc).
- Mostrar os efeitos negativos das mudanças climáticas para a sociedade e os biomas naturais e apresentar também as alternativas positivas que ajudarão no processo de reversão do passivo acumulado na atmosfera.
- Mostrar, através de ações concretas, o testemunho que as diferentes manifestações religiosas estão dando para minimizar os impactos da mudanças climáticas e a formação de uma consciência mais solidária e fraterna com o planeta Terra.